

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: LEMBRANÇAS DE FUTUROS/AS PROFESSORES/AS

BODY, GENDER AND SEXUALITY IN THE SCHOOL: MEMORIES OF FUTURE / TEACHERS AS / AS

Sandro Prado Santos

Universidade Federal de Uberlândia – FACIP/UFU
sandrobio@yahoo.com.br

Resumo

O artigo originou-se de uma experiência prática no espaço da sala de aula, em um curso de formação de professores/as em Ciências Biológicas. Essa foi realizada no âmbito da disciplina *Educação, Saúde e Sexualidade*. Elencamos questões problematizadoras: Quais as lembranças mais marcantes na escola? Lembram-se de episódios na Educação Básica envolvendo a sexualidade? A partir disso, 23 futuros/as professores/as construíram narrativas sobre as lembranças escolares mais marcantes, ao corpo, ao gênero e a sexualidade. Nesse contexto, no presente artigo procuramos refletir as dimensões dessas temáticas nos episódios do cotidiano escolar que impregnam e compõem as lembranças de futuros/as professores/as de Biologia. Os dados foram analisados a partir de técnicas específicas de análise de conteúdo. Os resultados apontam que o espaço escolar produz e veicula significações, segundo as pessoas que dele participam, (re)produzindo o ideal de masculinidade, feminilidade, legitimação da heterossexualidade, desqualificação da homossexualidade, e, sobretudo da travestilidade.

Palavras chave: corpo, gênero, sexualidade, lembranças escolares

Abstract

The article grew out of practical experience within the classroom, in a course of teacher training / in the Ciências Biológicas. This was done within the discipline Education, Health and Sexuality. We list problematizing questions: What are the most striking memories in school? Remember episodes in Basic Education involving sexuality? From this, 23 future / the teacher / the constructed narratives about school memories more striking, the body, gender and sexuality. In this context, in this paper we reflect the dimensions of these themes in the episodes that pervade everyday school and make up the memories of future / the teacher / the Biology. Data were analyzed from specific techniques of content analysis. The results indicate that the school produces and conveys meanings, according to people who participate in it, (re) producing the ideal of masculinity, femininity, legitimacy of heterosexuality, homosexuality disqualification, and especially the travestilidade.

Key words: body, gender, sexuality, school memories.

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: LEMBRANÇAS DE FUTUROS/AS PROFESSORES/AS

Reflexões iniciais

*Sempre **pratiquei futebol**, e tentava incentivar que minha irmã mais nova também praticasse em suas **aulas de Educação Física**. Um dia perguntei para ela porque as meninas da sala dela não jogavam futebol e ela me respondeu que a professora de Educação Física delas **não as deixava jogar** e o motivo alegado era que ela (a professora) **não gostaria de ter meninas masculinizadas**.*

Relato de uma futura professora da Educação Básica

O episódio descrito acima demonstra uma das inúmeras lembranças em que o Corpo, o Gênero e a Sexualidade estão imbricados nas atividades cotidianas escolares, e, frequentemente, assentados num modelo sexista e heteronormativo, desvinculados do mundo da vida. Segundo Junqueira (2011) “a observação e a análise do cotidiano escolar revelam situações e procedimentos pedagógicos e curriculares estreitamente vinculados a processos sociais por meio dos quais se desdobra e aprofunda a produção de diferenças, distinções e clivagens sociais (...)” (p. 74).

Nessa perspectiva assumimos que a escola é uma instância social “constituída e atravessada por representações de Corpo, Gênero e Sexualidade, ao mesmo tempo em que (re)produzem essas representações” (SILVA, 2011, p. 147), constituindo num espaço sexualizado e generificado (BRITZAMAN, 1996; LOURO, 2007).

Com esse entendimento, compartilhamos com Silva (2011) que “a escola não é apenas uma instituição que “transmite” saberes e conhecimentos, mas uma instância pedagógica implicada na produção dos sujeitos de acordo com determinados códigos, regras, convenções estabelecidos social e culturalmente” (p. 147, destaque da autora).

Sendo assim, ao longo de sua história a escola brasileira,

(...) estruturou-se a partir de pressupostos tributários de um conjunto de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado estranho, inferior, pecador, doente, pervertido, criminoso ou contagioso) quem não se sintoniza com os arsenais cujas referências eram (e são) centradas no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal” (JUNQUEIRA, 2011, p. 75).

Assim, no presente artigo procuramos refletir acerca das dimensões do Corpo, do Gênero e da Sexualidade presentes nos episódios do cotidiano escolar que impregnam e compõem as lembranças de futuros/as professores/as de Biologia.

Corpo, Gênero e Sexualidade: articulações possíveis com o contexto escolar

A escola é o lugar privilegiado da Educação Sexual. Será mesmo? Partimos dessa indagação feita por Santos (2009), para que tomemos uma vez mais a Sexualidade, o Corpo e o Gênero como um dado dentro do universo escolar.

Sendo assim, consideramos que a escola, bem como a cultura e o cotidiano escolar são espaços-tempo carregados de sexualidade, constituídos por sujeitos sexuados e de cujas manifestações da sexualidade são indissociáveis (SILVA, 2009).

Essa mesma autora considera que “independente de existir tratamento pedagógico deste assunto, a sexualidade está presente no ambiente escolar como em qualquer outro ambiente social” (p.61), e, ainda nos alerta que precisamos considerar as (re)produções de padrões sociais feitos nesse espaço.

De acordo com Louro (2010, p.43-44), no espaço da educação escolar, “(...) haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico”.

Sendo assim, Silva (2009) complementa que podemos observar que esses padrões são frequentemente (re)produzidos nas escolas como um reflexo da sociedade, e, ainda mais sem questionamentos ou discussão crítica. Dessa forma, compreendemos a sexualidade como um processo de construção de significados em que elementos como cultura, corpo e subjetividade influenciam na produção de diversos saberes das sexualidades, os gêneros e os corpos no espaço escolar.

Esses apontamentos nos fazem entender que a instituição escolar está envolvida na produção de identidades sexuais e de gênero, bem como com a validação de determinadas formas de viver as masculinidades, as feminilidades e a sexualidade (MEYER; KLEIN; ANDRADE, 2009). Por exemplo, é “natural” duas meninas trocarem carícias no espaço escolar? Que uma travesti frequente a escola? Que uma menina jogue futebol e tem voz grossa? Que um menino e uma menina encenem a música do “Cravo e a Rosa”? Que meninas sejam briguentas, usem somente tênis e não sejam adeptas as maquiagens e sandálias?

Tais discursos são produzidos e circulam na escola e são continuamente, (re)apresentados e (re)atualizados nos processos escolares, e, por isso, consensuamos com Meyer, Klein e Andrade (2009) ao destacarem que estão imbricados com a organização das relações de gênero e de sexualidade e a produção de subjetividades, contribuindo para produzir modos de ser e viver a sexualidade.

As autoras nos alertam que: “De maneira geral, as práticas pedagógicas escolares e culturais posicionam determinadas identidades e práticas como sendo mais ‘naturais’ do que outras e, nesse sentido, ser menino ou menina, homem ou mulher, pai ou mãe (...)” (2009, p. 85).

Nesses contextos, entendemos a importância da discussão na formação de professores/as de Biologia, pois percebemos que as abordagens sobre sexualidade, nos espaços escolares, elegem a Biologia e os territórios do Ensino de Ciências, professores/as dessas disciplinas como locais e agentes privilegiados na construção de saberes e resposta sobre a Sexualidade Humana.

Assim, nesse trabalho focalizamos, a partir das lembranças escolares de futuros/as professores/as de Biologia, as discursividades e os processos de interações escolares envolvidos com a naturalização de diferenças, de masculinidades, feminilidades, corporeidades, sexualidades e desigualdades sociais.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa com abordagem metodológica de cunho qualitativo, almejando a interpretação e reflexão oriunda das narrativas escolares, das dimensões do Corpo, do Gênero e da Sexualidade, dos sujeitos envolvidos na investigação. Essa está embasada nos

pressupostos metodológicos da Pesquisa Qualitativa em Educação segundo estudos de Mazzotti e Gewandszajder (2001).

O público-alvo composto por 23 futuros/as professores/as de Ciências e Biologia, graduandos/as do 8º período do curso de Ciências Biológicas de uma universidade pública federal mineira do município de Ituiutaba/MG e regularmente matriculados/as na disciplina *Educação, Saúde e Sexualidade* no 2º semestre de 2012. Esses sujeitos serão identificados por nomes fictícios (S1, S2 e etc...) como forma de mantê-los/as no anonimato.

Para aproximarmos das narrativas desses futuros/as professores/as, partimos de algumas questões problematizadoras que deram início à discussão: Quais as lembranças mais marcantes na escola? Lembram de algum episódio na Educação Básica envolvendo a sexualidade? Nesse contexto, as narrativas emergiram no módulo *Aproximações Conceituais: Corpo, Gênero e Sexualidade* da referida disciplina.

Os dados coletados foram analisados a partir de técnicas específicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2010) e discutidos a partir do referencial teórico adotado.

Lições de Sexualidade na escola: o que lembram futuros/as professores/as de Biologia?

Nesta seção apresentamos e analisamos algumas narrativas de futuros/as professores/as do curso de Ciências Biológicas.

Ao analisarmos as narrativas dos/as futuros/as professores/as, percebemos que foi recorrente a associação, das lembranças escolares mais marcantes, ao Corpo, ao Gênero e a Sexualidade. Para ilustrar, apresentamos as seguintes narrativas:

*Mais ou menos na 7ª série havia aquelas seleções de meninas **mais bonitas** da sala e essas escolhidas eram as que tinham um **corpo mais “valorizado”**, acredito que isso tenha sido negativo e acabava ficando com vergonha, pois eu era muito magrinha e miudinha, eu particularmente nunca gostei dessas seleções de mais bonitas da sala (S5, 2012).*

*Os meninos sempre me **chamavam de magrela**, Olívia Palito e outros apelidos ofensivos relacionados **ao meu corpo**. Esses episódios me faziam muito mal, pois com estes comentários acabava em **comparando** com as outras meninas e me achava **feia** e pensava que nunca seria **atraente**, com aquele corpo magro e sem curva (S20, 2012).*

Nas narrativas, podemos perceber que os corpos considerados estranhos, por não sintonizarem com os padrões normativos de beleza e feminilidade são reservados e reduzidos à figura do “outro”, bem como expostos às diversas formas de marginalização, não valorização, de não atração e redução a apelidos ofensivos.

A instituição escolar como contexto social dessas experiências vivenciais coletivas, se depara com e (re)produzem as imagens e imaginações sobre corpo, sexualidade, relações de gênero, etc. Sendo assim, na escola, querendo ou não, as interações entre os/as alunos/as estão implicadas na produção das identidades de gênero e sexuais, conforme ilustrado a seguir:

*Durante o meu Ensino Fundamental, na mesma classe que a minha, havia um garoto a qual durante as aulas ele **mantinha o pênis ereto** e no membro ele colocava uma borracha, tipo equilibrando e **chamava as meninas para olhar para trás e ver aquela cena**. Acredito que **ele também se masturbava** (S1, 2012).*

*Bom o que eu me lembro, é sobre episódios de **preconceitos em relação as minhas amigas**. Eu sempre tive **mais amigos homens** e isso, **algumas vezes causaram piadinhas e conversinhas** entre os demais alunos (S10, 2012).*

Tais narrativas corroboram com o entendimento de Britzman (1996) e Louro (2007), quando destacam que o cotidiano escolar configura-se num espaço sexualizado e generificado, explicitando-se, também, na hora da chamada, ou seja, no furor em torno do número 24.

Na 6ª série presenciei um momento constrangedor com meu colega, porque seu número na chamada era o 24 por esse motivo, desde o início do ano letivo ele era motivo de risadas e piadinhas como seu apelido que era “fulano24”. Diante desse fato no meio do ano ele com vergonha da situação mudou de escola (S19, 2012).

Segundo Louro (2010, p.43-44), no espaço da educação escolar, “(...) haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade”, conforme reiterado no relato a seguir:

Quando cursava a 3ª série do Ensino Fundamental, como eu era muito “briguenta” os meninos da sala ficavam medindo força comigo, um dia quando estávamos na Educação Física três meninos tentaram se arrastar para dentro do banheiro masculino e falavam que “iam a me ensinar a ser mulher”, como eu gritava, me debatia e chorava muito eles me soltaram. (S14, 2012).

Ainda assim, as narrativas nos indicam que a normalização de feminilidade e masculinidade desdobram-se em marcadores de gênero, tais como: a voz, o vestuário, as maquiagens e comportamentos:

Quando era mais nova, na adolescência alguns colegas de sala zuavam por ter voz grossa e também por sempre gostar de ficar de tênis, mas isso superei, pois quando comecei a paquerar garotos, começaram a surgir elogias pela minha voz e também mudei meu estilo de roupa (S17, 2012).

No Ensino Fundamental, o fato de ir a escola para mim nunca significou que eu devesse me vestir de acordo com as minhas colegas, que usavam sandálias, shorts curtos, calças apertadas e até mesmo maquiagem, eu me vestia normal com apenas o uniforme, às vezes calça ou shorts e sempre usei tênis. Tudo isso fazia com que os meninos me tratassem de uma forma diferente das outras meninas (S18, 2012).

Além disso, a mesma autora evidencia que, no espaço escolar, a uma única forma sadia e normal de expressão da sexualidade consentida, cultivada, legitimada e promovida é a heterossexualidade, reiterado na narrativa:

Na época em que eu estudava, até o fim do Ensino Médio, eu não era popular entre os meninos. Tinha muitos amigos/as que eram bem populares, por isso vivenciava muitos os namorinhos deles por volta da 3ª série. (...) Houve um episódio em que um desses casais fizeram um encenação da música “O cravo e a Rosa” no pátio da escola que foi bem engraçado (S13, 2012).

Podemos afirmar que a prática sutil da encenação da música “O cravo e a Rosa” garante o privilégio da heterossexualidade, seu status de normalidade e, o que ainda é mais forte, seu caráter de naturalidade (LOURO, 2009). Compartilhamos com a autora que esse episódio reitera que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais.

Dessa forma, afastar-se desse padrão normativo significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2010).

Quando eu estava no 1ª série do Ensino Médio uma colega minha se “descobriu” lésbica e começou a namorar uma menina. Por parte de nossos colegas não houve nenhum tipo de discriminação, e na época os namorados/as de casal heterossexuais iam buscá-los na escola e se beijaram na frente da escola. E como todo casal essa minha colega troca carícias e

*beijos com a namorada na frente da escola, porém o diretor a chamou para conversar e disse que aquela situação não era certa, que ela não podia continuar **afrontando** as pessoas a sua volta (S12, 2012).*

A narrativa nos mostra que alunos/as que “destoam da heterossexualidade, desde muito cedo, são expostas às múltiplas estratégias do poder e a regimes de controle e vigilância” (JUNQUEIRA, 2011, p. 78).

Essa narrativa ilustra como a escola é um espaço obstinado na (re)produção dos parâmetros da heterossexualidade, conduzindo a um modelo de educação escolar que admite apenas uma forma de experiência da sexualidade, que é a heterossexualidade.

Aos que não se encaixam nesse padrão são reservadas “as marcas da particularidade, da diversidade e da instabilidade” (p.44). Essas são apontadas, colocadas em evidência, e os/as alunos/as ficam expostos às diversas formas de agressão por serem diferentes da norma.

*Um colega, 5ª série do Ensino Fundamental, apresentava **cintura definida e pernas grossas, simulava características femininas**. Ele sempre foi muito **retraído e calado**, tinha por nome **João**. Um dia eu e meus colegas o seguimos até o banheiro e conhecemos **a gritar e a empurrá-lo, falando que ele era mulher**. E desde então ele **ficou apelidado de Joana**, o que trouxe muitos transtornos futuros (S6, 2012).*

Nesse sentido, aqueles e aquelas que ousam manifestar, de forma mais evidente, a sexualidade, por exemplo, as travestis, principalmente por adotarem comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar, passam a ser alvo de insultos e preconceitos. Seja na recusa de se chamar a estudante travesti pelo seu nome social: “*No Ensino Médio um travesti era constrangido frequentemente pela turma; **era chamado pelo próprio nome (que ele não gostava)**, pois **queria que o chamasse de Pâmela**. Quando usava batom vermelho a supervisora chamava o para conversar e pedia para que não usasse no ambiente escolar” (S7, 2012); na dificuldade de ter acesso ao banheiro: “*Teve que **este mesmo travesti urinou nas calças por não poder ir ao banheiro no horário do recreio com medo de agressão e o professor não deixou ir ao horário da aula**. Ela era constantemente agredida verbalmente pelos alunos, homens, da escola, apelidavam-na, etc” (S7, 2012).**

Essas narrativas comungam com os dizeres de Junqueira (2011) quando o autor menciona que as travestis nas escolas “tendem a enfrentar obstáculos para se matricular, participar das atividades pedagógicas, ter suas identidades respeitadas, fazer uso das estruturas escolares (como os banheiros) e preservar sua integridade física” (p.87). Esse autor, ainda nos alerta que o nome social das travestis “não é um apelido e representa o resgate da dignidade humana, o reconhecimento político da legitimidade de sua identidade social” (p. 87).

Segundo Souza, Queiroz e Faria (2010) a escola “tem se configurado como um espaço de normatizações e práticas discriminatórias institucionalizadas no que diz respeito ao gênero, inferiorizando (...) em especial, travestis e transexuais” (p.1).

Nesse estudo, tomamos como premissa, que as travestis são pessoas que “se identificam com a imagem e o estilo feminino, apropriando-se de indumentárias e adereços de sua estética, realizando com frequência a transformação de seus corpos, pela ingestão de hormônios, aplicação de silicone industrial e das cirurgias estéticas e de próteses” (PERES, 2009, p. 236).

No espaço escolar, a intensidade da discriminação e do desrespeito aos quais as travestis são expostas, “(...) em que desejam estudar leva, na maioria das vezes, a reações de agressividade e revolta, ocasionando o abandono dos estudos ou a expulsão da escola, o que conseqüentemente contribui para a marginalização” (PERES, 2009, p.245).

Como podemos perceber, situações de preconceito e de discriminação em relação à identidade de gênero, vividas por travestis, em âmbito escolar são muito frequentes.

As narrativas apresentadas ao longo desse trabalho nos mostra que “(...) apesar desta multiplicidade de posições, não há como negar que as escolas são muito pouco acolhedoras para todos aqueles e todas aquelas que não se ajustam aos padrões ditos normais” (p.253).

Além disso, contribuíram para reafirmar que contemporaneamente, que “a discussão que abarca a construção de gênero, sexualidade, prazer, corpo e saúde envolvem dimensões políticas e sociais que, por sua vez, estão implicadas com a escola” (MEYER; KLEIN; ANDRADE, 2009, p. 88).

Considerações finais

Foi possível entender que o espaço escolar produz e veicula significações, segundo as pessoas que dele participam, sejam garotos/as masculinos e/ou femininos, travestis, casal heterossexual de namoradinhos, o cravo e a rosa, a menina que joga futebol, a menina magra, o menino com pernas grossas e cintura definida, dentre outros.

Além disso, foi possível dimensionar que, dentro do espaço escolar existe certas regras e práticas normativas que estabelece e ao mesmo tempo (re)produz o ideal de masculinidade, feminilidade, legitimação da heterossexualidade, desqualificação da homossexualidade, e, sobretudo da travestilidade. Dessa forma, o espaço/tempo escolar cria e recria sua própria cultura, uma cultura complexa que funciona segundo regras próprias, específicas, e, como podemos observar nas narrativas, pouco acolhedoras para todos/as aqueles/as que não se ajustam aos padrões da cultura escolar.

Acontecem na escola diferentes imposições e/ou negociações, segundo o Corpo, as identidades sexuais e de gênero. Nesse espaço, então, acontecem aprendizagens. No que se refere ao corpo, os/as alunos/as aprendem qual é o idealizado, o atraente, bem como o estranho e o marginalizado. Em relação ao Gênero, aprendem algumas formas de agir e de se comportar como meninas e meninos, por meio, da vestimenta, da voz, das brincadeiras, com quem se relacionar, dentre outros.

Conforma-se, também, estratégias de (des)legitimação daqueles/as que ousam manifestar de maneira mais explícita sua sexualidade dissonante aos padrões escolares, tais como as travestis. As narrativas apontam que estas não possuem reconhecimento de sua identidade social, sendo excluídas, inclusive, da utilização do banheiro.

Isso nos leva a considerar que o espaço escolar tem uma dimensão produtiva e educativa; ele disciplina os sujeitos de forma distinta, para viverem em um contexto social que valoriza jeitos de ser menino e de ser menina, de corpos ideais e heterossexuais, jeitos estes que são demarcados por padrões que os grupos que os/as alunos/as integram consideram como “normais”. Nessa perspectiva, o Corpo, o Gênero e a Sexualidade produzem e são produzidos, também, por meio dos apelidos, das ofensas, das marginalizações, da hora da chamada, das seleções, dos apontamentos, do não reconhecimento do nome social e das brincadeiras. “A diferença se constrói como uma lógica estabelecida *a priori*, a partir da qual, ou através da qual, os/as alunos/as aprendem a justificar a segregação” (WENETZ, 2009, p. 79).

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 21, n.1, jan/jul, 1996.

JUNQUEIRA, R. D. Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a pedagogia do armário. In: SILVA, F. F. da.; MELLO, E. M. B. (Orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011, p. 74-92.

LOURO, G. L. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidades e gênero nas práticas escolares. In: _____. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000, p.37-57.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.7-34.

_____. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 84-93.

_____. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 41-52.

MAZZOTTI, A.J.A.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. Pioneira, 2001.

MEYER, D. E. E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S. S. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: questões para a Educação Escolar. In: **Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. Curitiba: SEED/PR, 2009, p. 81 - 90.

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 235-263.

SANTOS, D. B. C. A educação sexual na escola: algumas possibilidades didático-metodológica. In: **Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. Curitiba: SEED/PR, 2009, p. 59 - 71.

SILVA, F. F. da. Lições de sexualidade na escola. In: SILVA, F. F. da.; MELLO, E. M. B. (Orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011, p. 146-157.

SOUZA, Marcos Lopes de.; QUEIROZ, Marcos Salviano Bispo.; FARIA, André Luiz. Tem diversidade na sala de aula: a experiência da formação continuada de educadoras nas temáticas relativas às identidades de gênero e sexuais. In: FAZENDO GÊNERO 9. DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS. **Anais...** Florianópolis, 2010.

WENETZ, I. Questões de gênero na escola e no recreio: articulações possíveis? In: **Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. Curitiba: SEED/PR, 2009, p. 73 - 81.